

O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Raquel dos Santos Funari¹

Em décadas recentes, houve muitas iniciativas em direção a abordagens críticas no ensino de História Antiga, no mundo e no Brasil. O ensino de História foi usado, desde o início, para uma criança nacionalista e imperialista, um futuro cidadão com esses valores. Este movimento desde logo, após a Revolução Francesa, foi reproduzido diversas vezes em outros contextos de formação de estados nacionais. Nas antigas áreas colonizadas, o imperialismo foi substituído por conceitos de colonialismo interno, em antigas regiões periféricas. Houve uma crescente reação a isso, a partir de diversos lugares e pontos de vista, como nos movimentos pelos direitos civis, o feminismo, o ativismo anti-imperialista e pacifista, entre outros, de maneira que o ensino de História se voltou para práticas e ideais críticas, para favorecer a formação de crianças criativas e abertas e, assim, adultos propensos à colaboração. Estas mudanças enfrentaram a reação de pessoas preocupadas com esse questionamento de grandes narrativas, das desigualdades do status quo ou da opressão, violência e destruição. O conceito de destruição criativa mostra bem essa resistência à convivência e à cooperação.

Neste contexto geral, a História Antiga adquiriu renovada relevância. A História Antiga foi usada para fins nacionalistas e imperialistas, como parte importante na invenção de origens heroicas, mitos voltados para a opressão. A História Antiga, contudo, foi usada para questionar essas narrativas, ao colocar o passado como produtor de um inventário de diferenças, como expressou Paul Veyne (1976), de maneira a fazer com que as crianças entendam que as ideias e comportamentos dos antigos era diferente. Isto é essencial para desnaturalizar as certezas do presente, tal como a inevitabilidade da destruição. A História Antiga pode servir para construir um futuro diferente, ao propor a cooperação e a convivência. Esta iniciativa foi contraposta pelos que manipulam o passado para oprimir e destruir (Pinsky; Pinsky 2021). A História Antiga foi usada para justificar os movimentos mais violentes e destrutivos, como ao distorcer os antigos espartanos para oprimir e destruir pessoas hoje. O mesmo se aplica ao

¹ Pós-doutoranda, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: raquelsfunari@uol.com.br

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 07-08.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13704

abuso de termos como mito, que podem ser libertadores, para os fins mais destrutivos.

Este dossiê da revista Heródoto visa a congregar artigos provenientes de diferentes países e com diversas perspectivas em confronto à presente manipulação do ensino de História Antiga e a mostrar as oportunidades abertas para a proposição de novas e instigantes práticas com potencial libertário. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para o dossiê, ao terem aceitado a repensar como ensinar a História Antiga. Agradecimento especial vai para os editores da revista Heródoto, Glaydson José da Silva e Gilberto da Silva Francisco. Sem eles, este número temático não seria possível. Editores e autores ficarão felizes se, ao final da leitura do número, o leitor ou leitora sentir-se incentivado a juntar-se na luta por um ensino de História Antiga a favor da vida.

Referências

Pinsky, J.; Pinsky, C.B. *Novos combates pela História. Desafios, Ensino*. São Paulo, Contexto, 2021.

Veyne, P. *L'inventaire des différences*. Paris, Le Seuil, 1976.